

HEI-DE AMAR-TE MAIS

Tiago Salazar

OFICINA
DO LIVRO

2010, Dia de Páscoa (*in medias res*)
Istambul

Auto-retrato

Tenho quarenta anos, saúde de ferro, os dentes quase todos, cabelo farto de querubim, força de mancebo, leitores que me dizem «o senhor Tiago faz-me sonhar» ou «a sua escrita é um bálsamo», tenho uma mulher, filhos, laços de família, e neste espelho de hotel, o sétimo onde aterro no último mês, sou apenas um velho encarquilhado numa solidão terrível. A posologia diz «recuperador do humor». Será como um recuperador de calor? Neste chão de hotel varrido de melancolia que é o meu território por cinco dias só a Patagónia, ou tu, meu amor, conviriam à minha infinita tristeza.

Olho os telefones, duas redes que me ligam ao mundo, o único caminho até ti. Uma vez falei-te do deserto, em Marrocos, ainda os telefones voadores (como lhes chamas) eram como varas de feiticeiro. No meio do nada, deposto como uma pedra, um beduíno ensinara-me o canto de um velho poema sufi, a prosa do amor interminável, e por Alá não me ter abençoado com a voz dos pastores do deserto entoei-to humildemente letra a letra. Paro a escrita que nunca pára e quero dizer-te ao ouvido, amo-te, pertenço-te desde muito antes desse deserto de onde te disse a primeira vez é aí dentro de ti que quero viver. Pego então no meu zepelim e vamos namorar a cidade nocturna às gincanas entre os minaretes.

Conversa com Deus

– Que diabo vem lá?

A voz era cavernosa, de animal mitológico, se fosse o caso de este falar. Tinha andado às cegas no bosque, como quem persegue a consciência, antes de dar com a árvore onde morava Stass, o homem mais célebre de Roatán. Lembro-me de ter pensado se, quando escrevesse a história desta viagem, podia chamar casa a um barracão de quatro buracos empalado num chuço onde se chegava por uma escada interminável. Atrás de mim, Franz Kalnapilis ocupava-se a registar as fantasias da noite com a sua lente de coruja e não deu pela minha subida. A forma como tinha ali chegado produzia uma impressão profunda. Afinal, há duas horas estávamos no bar de Gustav, derramados sobre o alpendre a ver o brilho da lua cheia no oceano e o voo samurai dos mosquitos em looping contra as paredes e as pás da ventoinha. Por essa altura, mergulhado numa desagradável monotonia, o meu pensamento distraía-se a ouvir a vocação narrativa de Gerda, uma bióloga de Brooklyn habilitada nas propriedades afrodisíacas das lulas, e os números de Kevin, escritor do Illinois que trocara a seriedade da conversa por um ritual de poses de yogi no ancoradouro. Era um quadro familiar aquele, os serões de conversa mansa e inútil. Gerda sabia mais qualquer coisa além do erotismo dos bivalves. Estava a par dos feitos monteses de George W. Bush Junior, da nova marca de implantes de Pamela Anderson e da temida síndrome do homem normal, segundo ela a doença mais fatal do futuro século.

– Se um homem acordar com a sensação de que nada de especial tem para fazer, ou se chegar à cama e nada de especial se tiver passado durante o dia, é uma vítima – explicava Gerda.

Na mesma noite

Disse-me um dia um beduíno

Estava aquém do princípio rigoroso expresso por Benvenuto Cellini onde se diz: um homem deve ter mais de quarenta anos e ter feito algo de excepcional antes de assentar, preto no branco, a história

da sua vida. Um ano e seis meses seria o tempo exacto de recapitular com minúcia e obstinação as minhas recordações. O grande feito, esse, podia nunca vir, excepto se amar fosse matéria de peso. Aí, por uma vez, talvez houvesse redenção.

O fundo da ravina abria-se como um harmónio. A perder de vista, um rio seco guardado por montanhas, uma garganta amena, devolvia o eco de ventos antigos. Parado sob o teu olhar lancei-me numa fantasia erótica de dois amantes libertos da gravidade. Beijei-te então diante de todos os séculos, acima de qualquer abismo.

Um dia escreves isto numa pedra do Fish River.

«Unidos para além da vida e da morte. E é só.»

– Não há limites onde nós estamos, respondeste.

Tinha vida nas pernas para querer uma felicidade tranquila. Mas, dizem, a felicidade é perigosa, breve, e sobre ela não se pode fundar um futuro. Estava disposto a contrariar os homens das grandes verdades. Só importa o amor que conhece os seus desertos, porque «um ser amado sem medida, dominado sem medida, rouba-nos um mais alto destino».

2007, 8 de Janeiro

Cristina disse, ainda na cama, deitada à etrusca.

«Fixamos um ponto no horizonte e caminhamos para lá. Com duas pessoas faz-se uma fortaleza.»

Respondi, um pouco mais tarde.

«Projecto de vida demora a instalar-se, demora a crescer.»

Textos de viagens: língua, símbolos, significados, origens.

E.g. Pangkor Laut, expoente do luxo moderno... com dois mil anos.

Epígrafes de um dia de sol (com vento)

«Esta gente já é a gente que finge ser», in *Crónicas Americanas*, Sam Shepard.

«Não sejas adulto», in *Ensaio*, Montaigne.

Numerologia

- a.** Respeito, relações adultas
- b.** Espiritualidade consciente (vida de aprendizagem)
- c.** Cuidados com possessividade
- d.** Espírito livre (saber lidar com mudanças, preconceitos, medos)
- e.** Afectos e família
- f.** Objectivos: criar, criar alegria no dia-a-dia. Individualidade, sem imobilismos
- g.** Levantar projectos humanitários
- h.** Contrariar dispersão
- i.** Materializar

2 de Agosto

O objectivo da viagem não é ir para onde quer que seja. É ver e viver. A Vida dá-nos o problema para entendermos a nossa natureza.

4 de Agosto

Falamos de levitação, de viagens aéreas (oníricas) nocturnas. Ou se é nómada ou sedentário: dois mundos inconciliáveis? Para fazermos de novo, é preciso regressar às origens. Simplificar, depurar, afastar o que não interessa. No afã de encontrar fora, perdes-te do teu centro.

Tarot – caminhos e destinos cruzados

- a.** Confiar na vida e no que esta tem para dar (Estrela). Entregar à providência
- b.** Estabelecer prioridades (O Mundo)
- c.** Olhar para dentro, rasgar os véus. Sou duas coisas (ou três?)
Síndrome do «Este não sou eu, eu sou o outro». (Os Amantes)

14 de Agosto

Há duas espécies de homens neste mundo: os que ficam em casa e os outros. A vida encarrega-se de recusar os sonhos, mas nós, os trota-mundos, tratamos de a corrigir.

A bordo de um Airbus a caminho de Amsterdão.

Sofro de «horror do domicílio», segundo a expressão primorosa de Charles Baudelaire. A grave doença do vício do vazio. Sair: o motor, um princípio vital. Não há como lhe escapar.

Quase a aterrar

Cristina veio à minha vida mostrar-me a necessidade de edificar. Existir sem meias verdades.

*19 de Agosto
Pensamento vespertino*

Sou budista de Inverno e nudista de Verão (segundo o avisado princípio de Joe Gould).

O viajante vai de canteiro em canteiro, como quem afaga flores.

Um pouco mais tarde

Autobiografia prematura de um jornalista em busca (ainda e sempre) de si

Quem sou? De onde venho? Para onde vou? Ora, à falta de melhor, acho-me um Ideafix (de ideias fixas) e, tal como o cão do Uderzo, ladro mas não mordo (por prudência, não vá morrer envenenado). As ideias fixas (a prego e estopa, como bom cristão-novo) devem vir de outra vida porque antes de saber escrever (o que ainda hoje não estou muito certo de saber se sei) já escrevia — sobretudo

em paredes de familiares e sobretudo em parentes do antigo regime, o que a família considerava um desvio precoce de personalidade subversiva. Mantive-me incorrigível e logo que deixei as paredes de casa passei para os muros da rua, que me deram a primeira experiência de cativeiro na esquadra de Alvalade. Tudo porque decidi que o meu tio Kiki devia ser eleito primeiro-ministro e pintei a letras vermelhas no muro de casa de um ex-PIDE «Kiki ao Poder» e «Kiki amigo, o Povo está contigo». O povo era eu.

Esse tio, que tinha estado preso em Caxias (não por objecção política mas pelo subversivo acto de deserção, e talvez por arrear as calças e as cuecas no lugar da bandeira das quinas), era o meu herói de infância. Cresci num prédio de jornalistas onde moravam o Afonso Serra, o Adelino Alves, o Fernando Ávila e onde também morara o meu avô Vítor Garcia, que morrera aos 36 anos no esplendor de uma carreira. Aos oito anos escrevi o meu primeiro livro – uma redacção de 16 páginas sobre o amor que na altura se chamava Odete e tinha tranças amarelas pelo joelho e uns olhos potáveis que nunca mais esqueci. Talvez por isso o amor da minha vida tenha olhos potáveis e lhe dedique todos os livros que não escrevi.

No dia em que acabei o liceu entrei em casa do Adelino Alves e pedi-lhe uma carta de recomendações, que me recomendasse como um condutor experimentado de motorizadas para assim ganhar um lugar de paquete num jornal. Queria ser jornalista mas precisava de ganhar rodagem. Adelino Alves escreveu a carta mas trocou-me as voltas e quando me apresentei ao serviço no *Semanário* de capacete de aviador e casaco de cabedal, Adriano Oliveira, o então chefe de redacção, mandou-me para o Júlio de Matos, e que trouxesse material para uma reportagem de duas páginas. Tinha 18 anos, mas o coração bateu-me como uma velha bomba hidráulica a quem as juntas já pesam. Quando voltei, com a pior reportagem da minha vida, disse ao meu avô (olhando para a lâmpada do tecto) que a próxima seria melhor, e a que viesse a seguir, melhor ainda.

Está contada a estória e dali para aqui foi uma obsessão, uma coisa omnívora, como ler livros do Céline ou da Clarice. Já tentei desistir. Já tentei largar o vício mas sempre que visto o fato e a gravata ou digo

«é desta que me viro para a agricultura biológica ou para as FP-25» fico com espasmos no esófago – sempre são melhores as cólicas do fecho ou as raivinhas dos pés-de-vento extemporâneos que a classe provoca. E não há repressões, abusos ou desilusões com o estado de calamidade da profissão (e do país) que me façam desistir. Aliás, acho que é esse instinto de «Tiago, o Fatalista» que me mantém vivo e de ideias fixas.

*27 de Agosto, em Pisco, depois de um terramoto
de 8.7 na escala de Richter*

Escrevo-te de um país rasgado ao meio por assimetrias e geografias, como as fendas dos terremotos que uma e outra vez os assolam. Como podem dizer que estão preparados para tremores de terra se cada vez que acontecem as cidades colapsam? E no Japão, onde se sucedem os terremotos de grande intensidade e as fatalidades nunca atingem estas proporções? Qual a política interna? Como se explica? É como os incêndios portugueses? Interessa a quem? A que oligopólio de construtores civis? A desgraça atrai a bandidagem, o negócio obscuro, a usura. Bandoleiros vieram de Arequipa, 500 km a sul, para saquear (os pertences desfeitos estão a céu aberto). Nas comunidades periféricas, à falta de policiamento, há bandos organizados para o caso de haver assaltos e investidas.

Avulsos lidos e persentidos

«Afiml qual a importância da inteligência quando comparada com a grandeza do coração?», Virginia Woolf.

Para ser «grande» nalguma coisa, devo trabalhá-la incessantemente. Há duas ou três: a escrita, o yoga, o amor (sem hierarquias).

24 de Outubro

Desaceleração é a velocidade a engrenar para não gangrenar. Desacelerar para viver este amor que já me fez experimentar o êxtase vezes sem conta – e tudo o resto pouco ou nada conta.

Sentido de justiça e disciplina: as minhas palavras-chave, a seguir a Amor, amor e mais amor.

15 de Novembro

Pensado a correr, escrito de rajada à chegada (à meta)

Consciência da fragilidade do ser. Do precário. E de como, por oposto ontológico, o amor pode anestesiar o desconsolo impossível de satisfazer. Neste momento, quase tudo desajuda. O trabalho incerto, as colaborações (de execução difícil e pagas miseravelmente). Mas havemos de ir a Viana...

O mais importante na vida: a sinceridade. Os actos. O balanço. A viagem enquanto confronto com o ser. O nada de nada a querer-mos ser o tudo em tudo. *Sitius, altius, fortius* só assenta bem na fachada do Ateneu ou na casa do meu mestre de boxe, o Zeus da Picheleira. Não sou do Benfica, mas ainda o melhor é seguir o lema do *Et pluribus unum*.

Depois de uma conversa, à ceia

País pobre é de sempre, sobretudo de espírito. Saímos há 500 anos da riqueza. E assim continuamos, ultrapassados pelos polacos. Alguns safaram-se em África, os mais cabeçudos e negreiros. Dar, só dá o negócio de bifes e do terrorismo fiscal, por estes dias sombrios. Futuro precário (é de sempre). Acreditar, acreditar, ousar, ousar, contra os papões marchar. Continuo na minha empreitada de manter a liberdade e embandeirar o amor num arco ajoujado de flechas.

Às 23 horas

Nada como perder a noite com o Albert Londres «a la recherche du juive errant». Prosa sem uma ruga, a mais notável sobre pogroms e guetos (infelizes e felizes, a malfadada dicotomia).

Algures na véspera do sono e do sonho

Encontro as respostas dentro de mim – a arte tibetana do pensamento positivo. Quero dizer a cada dia: posso morrer em paz, homem feito, homem que soube o significando da palavra amar, que é dança e é gerúndio.

2008, 5 de Fevereiro

Batismo de BTT na Serra de Sintra. À tarde, ouvi poesia de Manuel Bandeira, brasileiro vetusto comparsa de Clarice.

Escrito no «banheiro» do meu xará Luís Christello.

O poder dos céus pode ser visto nos olhos do leão.

1 de Março

A literatura permite criar seres maiores do que nós.

(Conversa vespertina no Teatro de Dordrecht ao dia 22 de Março. Cristina nas falas entre aspas.)

«Não sou modelo de virtudes. Sou tudo ao contrário do que tu desejas.» Como se desfaz essa ideia deturpada? «Dizes uma coisa mas insinuas outra.» Em que te apoias para dizer isso? «Em nada. Nas tuas atitudes.» Quais? Demonstra.

«Dizes certas coisas porque achas que as mulheres devem ser aparicadas». Não podem ser regas verdadeiras? «Não disse isso. Aquilo que te faz vibrar é diferente daquilo que eu sou.» O que és? «...» Acho que confundes aparências com sentimentos onde só podes chegar fora do ti e do si (bemol). Somos mutantes e temos mecanismos de defesa involuntários. É aqui que entra a psicanálise e vais buscar explicações (tentativas) ao subconsciente e ao antigo. Todos estamos carregados desses escudos e reservas territoriais absurdas quando se fala de Amor maiúsculo.

Enschede, 20 de Março

Canção de embalar (o amor)

Vem ver onde nasce o deserto.
Vem ver onde é a foz do luar
(Onde) dunas e estrelas são o tecto
(Onde) anjos cintilam no seu lugar.

Vem ver onde fica o oceano.
Vem ver o canto do nosso mar.
(Onde) és um amor sem engano.
(Onde) és minha canção de embalar.

Porque antes de ti nada era
Porque depois de ti tudo foi
Porque a vida é valsa cantada
Porque o amor é o tempo dos dois.

3 de Maio

[Como se abre o coração? à machadada, à lâmina, à guilhotina ou como quem abre uma cortina, descerra um véu, como quem nasce todos os dias?]

25 de Maio

Noites de Sarajevo

«O “nós” entre nós às vezes parece-me tão vago... parece que há sempre mundo pelo meio e eu estendo a mão e não te vejo... é o mundo que trazes atrás de ti e que, quando eu não estou à altura, tu espreitas e vagueias... é a tua necessidade de escapar do centro. Eu não te dou liberdade para passeares como e quando quiseses pelo mundo, de ver tudo? Porque o mundo é mais cor-de-rosa e risonho do que eu? Porquê?»

Ficaste com essas ideias gravadas no fundo dos tempos e não as largas. Não quero uma boneca. Tenho uma mulher que amo e cuido. Quando tu quiseres, olhas para ti e gostas do que vês. Eu gosto do que vejo. Gosto mais ainda do que sinto.

«Não posso competir com o que te rodeia, não é sequer justo. E não falo de pessoas. Sou uma fracção muito pequena de mulher, comparada com o que anda por aí. Não me comparo, mas sei que o pensas. Não sou pássaro, sou peixe das profundezas, ou térmita, se quiseres, e sinto que me isolas porque eu me encolho perante a euforia *disco sound* e *bling blings* que te rodeiam. Não podes viver entre dois mundos.»

Isso que chamas dois mundos é apenas um viver entre mundos. Lá porque gosto de sair e conhecer o mundo, as euforias, os luzeiros, onde me sinto em casa é onde tu e eu habitamos. Eu também sou das profundas. O meu contacto com esse outro mundo é empírico. E mulheres-pássaro nunca me encantaram. Pouco me ralam as mulheres e o que pretendem. Tenho uma mulher de quem falo todos os dias, que amo, estimo e admiro: és tu. Chama-se Cristina, sem o Branco.

«Então soas sempre a reservado, tenho sempre a sensação de que escondes alguma coisa, que conspiras... não sei, se calhar provoço-te risos. E também sempre que abordamos este tipo de assunto (que chatice, lá vem ela outra vez!) parece que nasce uma necessidade de me enaltecer, de me elogiar (desculpa a injustiça), mas eu não sou isso, eu não sou linda, nem maravilhosa, nem exemplar, nem nobre... só sincera. Se fosse tudo isso e estivesse sempre presente talvez aceitasse. Assim, parece-me só forçado. Enganaram-te quando te disseram que quando elogias uma mulher ela começa a levitar e esquece logo o que estava a dizer. Eu irrita-me, soa-me a zombaria.»

Sim, sou reservado. Sim, sou pensativo. Não, não conspiro, não zombo, não faço chacota com o que quer que seja vindo de ti. Não me chateia abordar «estes assuntos». Acho que não deveriam ser «assuntos». Não sou de elogios gratuitos, já devias saber. E de resto não te